

hoja solidária por questões sociais!

A BATA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redator Principal — ALEXANDRE VIEIRA
Editor — Carlos Maria Coelho
Publicação da Confederação Geral do Trabalho
ANO IV — Número 1.036
Sexta-feira, 7 de Abril de 1933
PREÇO 240 CENTAVOS
PORTA-VOX DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Café da Manhã, 38-A, 2.º e 3.º Andares — PORTUGAL
Telefone 2233 — Telefax 2233
Circulação de 10.000 exemplares — Rua de Almeida, 114 e 112

PELOS PRESOS POR QUESTÕES SOCIAIS

Está proclamada, em Lisboa, a greve geral para hoje

Na sua importante reunião de ontem, a União dos Sindicatos Operários votou a greve geral para hoje. É, do seguinte teor a proclamação da U. S. O.:

PROCLAMAÇÃO

Está votada desde hoje a greve geral de protesto contra as perspetivas movidas ao operariado e especialmente de solidariedade aos presos por questões sociais que se encontram nos fortes de sacagem e de 2.º Juliano de Barra. O Conselho de Delegados desta União votou a unanimidade, resta agora que todo o operariado a cumprir sem defecções, de molde a demonstrar-se ao governo que os presos por questões sociais têm de ser libertados antes. Que o grito neste solene momento seja o de:

Viva a greve geral! Viva a Liberdade!

Lisboa, 7 de Abril de 1933.

ENTÃO, QUANDO SE DECIDE O GOVERNO? A acção da U. S. O. pró libertação dos presos

O Conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unanimemente a greve geral para hoje.

Depois de relatar as circunstâncias da greve, o Conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unanimemente a greve geral para hoje. A greve geral de hoje é uma greve de protesto contra as perspetivas movidas ao operariado e especialmente de solidariedade aos presos por questões sociais que se encontram nos fortes de sacagem e de 2.º Juliano de Barra. O Conselho de Delegados desta União votou a unanimidade, resta agora que todo o operariado a cumprir sem defecções, de molde a demonstrar-se ao governo que os presos por questões sociais têm de ser libertados antes. Que o grito neste solene momento seja o de:

Viva a greve geral! Viva a Liberdade!

PELOS FAMINTOS

Salvemos as pobres crianças russas

Leitor — amigo, camarada, irmão, não te deixes enganar pelas notícias que vêm da Rússia. As crianças russas estão a morrer de fome. É uma situação que não pode ser deixada de lado. É uma situação que exige a nossa intervenção. É uma situação que exige a nossa solidariedade. É uma situação que exige a nossa acção.

As crianças russas estão a morrer de fome. É uma situação que não pode ser deixada de lado. É uma situação que exige a nossa intervenção. É uma situação que exige a nossa solidariedade. É uma situação que exige a nossa acção.

ÚLTIMA HORA

Arbitrariamente impedida de circular, «A Batalha» para que a voz da justiça não ecoasse nos ouvidos dos homens de consciência e dignidade que acompanhando a greve geral cometeriam o mais sagrado dever de solidariedade, são agora tardamente, e sem o mínimo de espírito conscientemente revolucionário da organização operária, firmada pelas responsabilidades daqueles que dignamente responderam às atitudes dos seus governos.

Que todos os trabalhadores saibam corroborar o grito dos que neste momento estão empenhados em conquistar a liberdade do povo escravizado.

Viva a Liberdade!

Abaixo o despotismo!

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV—Número 1.036

Sexta feira, 7 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha—Lisboa—Telefones 5339-0
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Haja solidariedade
com os presos por
questões sociais!

PELOS PRESOS POR QUESTÕES SOCIAIS

Está proclamada, em Lisboa, a greve geral para hoje

Na sua importante reunião de ontem, a União dos Sindicatos Operários votou a greve geral para hoje. E' do seguinte teor a proclamação da U. S. O.:

PROCLAMAÇÃO

Está votada desde hoje a greve geral de protesto contra as perseguições movidas ao operariado e especialmente de solidariedade aos presos por questões sociais que se encontram nos fortes de Sacavém e de S. Julião da Barra.

O Conselho de Delegados desta União votou-a por unanimidade; resta agora que todo o operariado a cumpra sem defecções, de molde a demonstrar-se ao governo que os presos por questões sociais tem de ser libertos quanto antes. Que o grito neste solene momento seja o de

Viva a greve geral! Viva a Liberdade!

Lisboa, 7 de Abril de 1922.

A U. S. O.

ENTÃO, QUANDO SE DECIDE O GOVERNO? A acção da U. S. O. pró libertação dos presos

Então? Quando se decide o governo a cumprir com o seu dever—dever que a saúde em perigo de algumas dezenas de operários está reclamando insistentemente—de por em liberdade todos os indivíduos que arbitrariamente prendeu?

Então? Não são suficientemente poderosas as lágrimas de tantas mães, esposas e filhos—tenras crianças sem culpas que mereçam tão duro castigo—para fazer compreender ao sr. António Maria da Silva que não tem o direito, por capricho ou conveniência política, de roubar a liberdade a homens honrados?

Então? Então sr. António Maria da Silva? Que espera ainda? O ódio da classe trabalhadora? A repulsa de toda a gente honesta? Não acha que é tempo de fazer justiça?

O sr. António Maria da Silva parece que está brincando. Ainda não teve quem lhe dissesse que é perigoso brincar com o fogo. A uma comissão das famílias dos presos que o procurou ontem no parlamento respondeu que a libertação dos operários, dependia de resoluções da Polícia de Investigação. Anteontem dizia à comissão da C. G. T. que o mesmo caso dependia do parlamento.

Ora estas respostas irritantes, estas insolências não se podem tolerar por mais tempo. O sr. António Maria da Silva ordenou as prisões, declarou mesmo que elas se efectuavam e mantinham sob a sua exclusiva responsabilidade. E nem seria necessário declará-lo, porque toda a gente o sabia.

Toda a gravidade da situação pesa sobre o sr. António Maria da Silva. Se ele tem consciência, se possui a noção da responsabilidade, não pode sentir-se intimamente bem consigo próprio. Desde que subiu ao poder não fez o presidente de ministério outra coisa senão agravar e irritar questões. Atacado de súbita mania de perseguição, lançou-se sobre o operariado, apanhou-o de surpresa e traiçoeiramente quiz vibrar-lhe um golpe mortal. A sua atitude hostil provocará logicamente uma defesa enérgica. Até onde irá esse gesto de defesa? E' difícil de prever. O sr. António Maria da Silva não prevê também.

Entretanto, seria conveniente lembrar ao actual presidente do ministério que foi por ter incorrido em identicos erros, igualmente graves, que Afonso Costa conseguiu obter a antipatia de quasi todo o país, do operariado, principalmente, e que foi possível errar-se um ambiente pernicioso favorável ao 5 de Dezembro, que arrastou o país às portas da monarquia.

diatamente a libertação dos presos que ilegalmente mantem nas prisões.

O operariado está indignado, a sua cólera encontra larga justificação nas perseguições que lhe tem feito.

O comício que para ontem estava marcado seria—temos a certeza—a exteriorização precisa da vontade do povo. Andou mal o governador civil em proibi-lo, porque o governo deve deixar o povo expandir livremente os seus desejos, para melhor o atender. Tudo indicava que o comício seria uma manifestação imponente, porquanto, apesar de proibido, muita gente compareceu ainda no local marcado para cumprir o seu dever de solidariedade para com os presos.

Então? Quando se decide o governo a cumprir com o seu dever—dever que a saúde em perigo de algumas dezenas de operários está reclamando insistentemente—de por em liberdade todos os indivíduos que arbitrariamente prendeu?

Então? Não são suficientemente poderosas as lágrimas de tantas mães, esposas e filhos—tenras crianças sem culpas que mereçam tão duro castigo—para fazer compreender ao sr. António Maria da Silva que não tem o direito, por capricho ou conveniência política, de roubar a liberdade a homens honrados?

Então? Então sr. António Maria da Silva? Que espera ainda? O ódio da classe trabalhadora? A repulsa de toda a gente honesta? Não acha que é tempo de fazer justiça?

O sr. António Maria da Silva parece que está brincando. Ainda não teve quem lhe dissesse que é perigoso brincar com o fogo. A uma comissão das famílias dos presos que o procurou ontem no parlamento respondeu que a libertação dos operários, dependia de resoluções da Polícia de Investigação.

Anteontem dizia à comissão da C. G. T. que o mesmo caso dependia do parlamento.

A sessão que, promovida pela U. S. O., ontem se realizou na calçada do Combro, foi imponente. Ela está decorrendo à hora a que escrevemos estas linhas.

Os protestos enérgicos chegaram aos nossos ouvidos, fazendo estremecer os fortes paredões do edificio do Correio Velho. Temos pena que o sr. António Maria da Silva não os tivesse ouvido para avaliar da sinceridade e da razão que os anima.

Estamos convencidos de que a atitude dos presos e as manifestações operárias que já não há força que as consiga abafar, levarão o presidente do ministério a reconsiderar. Então, como é justo, os operários presos verão o sol da liberdade.

Então? Quando se decide o governo a cumprir com o seu dever—dever que a saúde em perigo de algumas dezenas de operários está reclamando insistentemente—de por em liberdade todos os indivíduos que arbitrariamente prendeu?

Então? Não são suficientemente poderosas as lágrimas de tantas mães, esposas e filhos—tenras crianças sem culpas que mereçam tão duro castigo—para fazer compreender ao sr. António Maria da Silva que não tem o direito, por capricho ou conveniência política, de roubar a liberdade a homens honrados?

Então? Então sr. António Maria da Silva? Que espera ainda? O ódio da classe trabalhadora? A repulsa de toda a gente honesta? Não acha que é tempo de fazer justiça?

O sr. António Maria da Silva parece que está brincando. Ainda não teve quem lhe dissesse que é perigoso brincar com o fogo. A uma comissão das famílias dos presos que o procurou ontem no parlamento respondeu que a libertação dos operários, dependia de resoluções da Polícia de Investigação.

Anteontem dizia à comissão da C. G. T. que o mesmo caso dependia do parlamento.

Então? Quando se decide o governo a cumprir com o seu dever—dever que a saúde em perigo de algumas dezenas de operários está reclamando insistentemente—de por em liberdade todos os indivíduos que arbitrariamente prendeu?

Então? Não são suficientemente poderosas as lágrimas de tantas mães, esposas e filhos—tenras crianças sem culpas que mereçam tão duro castigo—para fazer compreender ao sr. António Maria da Silva que não tem o direito, por capricho ou conveniência política, de roubar a liberdade a homens honrados?

Reuniu o conselho de delegados da U. S. O. pelas 15 horas e minutos, presidindo o delegado dos distribuidores dos jornais secretariado pelos delegados dos manufatureiros de calçado.

O delegado dos metalúrgicos propôs e foi aprovado que imediatamente uma comissão deste conselho procure no parlamento o presidente do ministério, sendo esta comissão, depois de suspensa a sessão do conselho, acompanhada por muitas centenas de operários que se encontravam na sede da C. G. T. e muitas famílias dos presos.

Chegados ao parlamento a polícia só deixou avançar a comissão que então já era reforçada com outra do Partido Comunista, e, em breves momentos, eram recebidos pelo sr. António Maria da Silva que a respeito da situação dos

presos, disse que provavelmente seriam ontem postos em liberdade alguns, mas que quem poderia dar uma resposta mais concreta, era o adjunto da polícia de investigação.

Retirou a comissão que se dirigiu para o governo civil, seguindo a multidão que aguardava em frente das Cortes os resultados desta *démarche*, para a sede da C. G. T.

A comissão no governo civil avistou-se com o adjunto da polícia de investigação, o qual nos declarou se até às 22 horas tivesse os resultados das investigações seria possível que alguns presos saíssem ontem mesmo.

A's 21 horas reuniu novamente o conselho de delegados, presidindo o delegado dos manipuladores de pão e com os mesmos secretários.

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir. Todos os oradores que se lhe seguiram referiram indignadamente à atitude do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada. Além de João Caldeira, falaram ainda os camaradas Francisco Luís, Joaquim Cardoso, Jerónimo de Sousa, Júlio de Matos, António da Silva, Artur Inácio, Artur Aleixo, Augusto Duarte, Manuel Duarte, Francisco de Oliveira e Adriano Guerra.

O camarada Júlio de Matos apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

“Considerando que uma das presentes não é possível manifestação ao presidente da república, proponho que uma comissão aqui nomeada tente avistar-se com o mesmo presidente, que se encontra no Coliseu dos Recreios.”

Foi eleita a comissão imediatamente que ficou composta pelos camaradas Jerónimo de Sousa, Aníbal dos Santos e Artur Inácio.

O conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unânimemente a greve geral para hoje

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir. Todos os oradores que se lhe seguiram referiram indignadamente à atitude do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada. Além de João Caldeira, falaram ainda os camaradas Francisco Luís, Joaquim Cardoso, Jerónimo de Sousa, Júlio de Matos, António da Silva, Artur Inácio, Artur Aleixo, Augusto Duarte, Manuel Duarte, Francisco de Oliveira e Adriano Guerra.

O camarada Júlio de Matos apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

“Considerando que uma das presentes não é possível manifestação ao presidente da república, proponho que uma comissão aqui nomeada tente avistar-se com o mesmo presidente, que se encontra no Coliseu dos Recreios.”

Foi eleita a comissão imediatamente que ficou composta pelos camaradas Jerónimo de Sousa, Aníbal dos Santos e Artur Inácio.

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir.

Todos os oradores que se lhe seguiram referiram indignadamente à atitude do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada.

O conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unânimemente a greve geral para hoje

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir.

Todos os oradores que se lhe seguiram referiram indignadamente à atitude do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada. Além de João Caldeira, falaram ainda os camaradas Francisco Luís, Joaquim Cardoso, Jerónimo de Sousa, Júlio de Matos, António da Silva, Artur Inácio, Artur Aleixo, Augusto Duarte, Manuel Duarte, Francisco de Oliveira e Adriano Guerra.

O camarada Júlio de Matos apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

“Considerando que uma das presentes não é possível manifestação ao presidente da república, proponho que uma comissão aqui nomeada tente avistar-se com o mesmo presidente, que se encontra no Coliseu dos Recreios.”

Foi eleita a comissão imediatamente que ficou composta pelos camaradas Jerónimo de Sousa, Aníbal dos Santos e Artur Inácio.

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir.

O conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unânimemente a greve geral para hoje

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir.

Todos os oradores que se lhe seguiram referiram indignadamente à atitude do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada. Além de João Caldeira, falaram ainda os camaradas Francisco Luís, Joaquim Cardoso, Jerónimo de Sousa, Júlio de Matos, António da Silva, Artur Inácio, Artur Aleixo, Augusto Duarte, Manuel Duarte, Francisco de Oliveira e Adriano Guerra.

O camarada Júlio de Matos apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

“Considerando que uma das presentes não é possível manifestação ao presidente da república, proponho que uma comissão aqui nomeada tente avistar-se com o mesmo presidente, que se encontra no Coliseu dos Recreios.”

Foi eleita a comissão imediatamente que ficou composta pelos camaradas Jerónimo de Sousa, Aníbal dos Santos e Artur Inácio.

Depois de relatadas as *démarches* realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quais por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e, não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo encerra estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da proibição do comício.

O operariado ocorreu em grande número espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas à organização operária.

A proibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espírito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia a série de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitiu reproduzir.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV — Número 1.036
Sexta-feira, 7 de Abril de 1922
PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 33-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegraphico: Talhadas-Lisboa; Telephonos 5339-6
Officina de Impressão — Rua da Atalaya, 114 e 115

**Haja solidariedade
com os presos por
questões sociais!**

PELOS PRESOS POR QUESTÕES SOCIAIS

Está proclamada, em Lisboa, a greve geral para hoje

Na sua importante reunião de ontem, a União dos Sindicatos Operários votou a greve geral para hoje. E' do seguinte teor a proclamação da U. S. O.:

PROCLAMAÇÃO

Está votada desde hoje a greve geral de protesto contra as perseguições movidas ao operariado e especialmente de solidariedade aos presos por questões sociais que se encontram nos fortes de Sacavém e de S. Julião da Barra. O Conselho de Delegados desta União votou-a por unanimidade; resta agora que todo o operariado a cumpra sem defecções, de molde a demonstrar-se ao governo que os presos por questões sociais tem de ser libertos quanto antes. Que o grito neste solene momento seja o de

Viva a greve geral! Viva a Liberdade!

Lisboa, 7 de Abril de 1922. **A U. S. O.**

ENTÃO, QUANDO SE DECIDE O GOVERNO? A acção da U. S. O. pró libertação dos presos

Então? Então quando se decide o governo a cumprir com o seu dever — dever que a saúde em perigo de algumas dezenas de operários está reclamando insistentemente — de pôr em liberdade todos os indivíduos que arbitrariamente prendeu?

Então? Não são suficientemente poderosas as lágrimas de tantas mães, esposas e filhos — tonras crianças sem culpas que mereçam tam duro castigo — para fazer compreender ao sr. António Maria da Silva que não tem o direito, por capricho ou conveniência politica, de roubar a liberdade a homens honrados?

Então? Então sr. António Maria da Silva? Que espera ainda? O ódio da classe trabalhadora? A repulsa de toda a gente honesta? Não acha que é tempo de fazer justiça?

O sr. António Maria da Silva parece que está brincando. Ainda não teve quem lhe dissesse que é perigoso brincar com o fogo. A uma comissão das famílias dos presos que o procurou ontem no parlamento respondeu que a libertação dos operários, dependia de resoluções da Policia de Investigaçao. Anteontem dizia a comissão da C. G. T. que o mesmo caso dependia do parlamento.

Ora estas respostas irritantes, estas insolências não se podem tolerar por mais tempo. O sr. António Maria da Silva ordenou as prisões, declarou mesmo que elas se efectuavam e mantinham sob a sua exclusiva responsabilidade. E nem seria necessário declará-lo, porque toda a gente o sabia.

Toda a gravidade da situação pesa sobre o sr. António Maria da Silva. Se elle tem consciência, se possui a noção da responsabilidade, não pode sentir-se intimamente bem consigo próprio. Desde que subiu ao poder não fez o presidente do ministério outra coisa senão agravar e irritar questões. Atacado de súbita mania de perseguição, lançou-se sobre o operariado, apanhou-o de surpresa e traçoamente quiz vibrar-lhe um golpe mortal. A sua attitudão hostil provocará logicamente uma defesa enérgica. Até onde irá esse gosto de defesa? E' difficil de prever. O sr. António Maria da Silva não prevê também.

Entretanto, seria conveniente lembrar ao actual presidente do ministério que foi por ter incorrido em identicos erros, igualmente graves, que Afonso Costa conseguiu obter a antipatia do quasi todo o país, do operariado, principalmente, e que foi possível criar-se um ambiente pernicioso favorável ao 5 de Dezembro, que arrastou o país ás portas da monarchia.

O sr. António Maria da Silva que medite, que medite bem e os seus certos que muito ganhará de audar do attitudão, se ordenar im-

A sessão que, promovida pela U. S. O., ontem se realizou na calçada do Combro, foi imponente. Ella está decorrendo á hora a que escrevemos estas linhas.

Os protestos enérgicos chegam aos nossos ouvidos, fazendo estremecer os fortes paredões do edificio do Correio Velho. Temos pena que o sr. António Maria da Silva não os tivesse ouvido para avaliar da sinceridade e da razão que os anima.

Estamos convencidos de que a attitudão dos presos e as manifestações operárias que já não são forçadas, mas consiga abafar, levando a presidente do ministério a reconsiderar. E então, como é justo, os operários presos verão o sol da liberdade.

PELOS FAMINTOS

Salvemos as pobres crianças russas

Leitor, — amigo, camarada, indiferente ou ainda mesmo adversário sincero — tens coração não podes deixar de te comoveres e talvez mesmo de te revoltares ante a tremenda desgraça que feriu os nossos irmãos da Rússia.

Apesar da tragédia se dar lá longe, muito longe, ouve-se o desesperado clamor de socorro dos famintos confiados no coração altruísta e humanitário do mundo inteiro, chega até nós como que o eco do estertor colossal daquela massa enorme que a fome vai dizimando, porque para a dor e para o sentimento não deve haver distâncias, não deve haver fronteiras, não deve haver partidos, não deve haver raças.

E tu, leitor, não cometerás, com certeza, a injustiça de deixares sem a tua generosa resposta o apelo que te dirigem os que ainda estão vivos, sem ignorar de sentir uma angústia sem igual por não poderes dar vigor aos agonizantes nem dar a vida aos que clamam para sempre.

Has de lembrar-te que, apesar de escasso, ainda tens pão e umas batatas para comeres, e que eles, os desgraçados famintos nem erva têm para illudir o estomago; has de compreender que gastas em vícios estúpidos e nocivos, o que talvez chegasse para evitar que a vala comum dum cemitério engulissem mais um nosso semelhante, cujo pensamento vagueou por esse mundo, acalentando uma esperança vã, quimérica, de salvação, de renascimento.

Ao pensares nos pais e nas mães, cuja dor os arrasta á loucura de matarem os seus filhinhos, para lhes evitar um maior sofrimento, a tua alma há de estremecer de indignação contra aqueles que podiam pôr um sério obstáculo á continuação do mal, mas que por espírito mesquinho de rancorosa politica, consentem no desenvolvimento do flagello, aproveitando-se cobardemente do flagello duma calamidade natural, que amanhã não pode também atingir ou a qualquer outro povo.

Pensa no tormento daqueles pais, a quem os ternos filhos pedem pão e que não o tem para lhes dar.

Imagina o desespero das mães que ao chegarem os peitos ás bocas famintas dos seus bebés, constatarem que os seus seios ainda não há muito tempo plenos de leite materno, nutritivo, salutar, agora já nem sangue contém com que possam alimentar seus filhinhos; e os bebés, inocentes, mas já condenados por esta sociedade madrastra, definham-se e



Estes mártires já não necessitam de socorro. Urge evitar que a fome continue a fazer vítimas. E' necessário reparar rapidamente o mal produzido pelo egoismo criminoso dos exploradores do povo, salvando a tempo as crianças e os adultos atingidos pelo flagello e que ainda vivem

O conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários votou unanimemente a greve geral para hoje

Reuniu o conselho de delegados da U. S. O. pelas 15 horas e minutos, presidido o delegado dos distribuidores dos jornais secretariado pelos delegados dos manipuladores de calçado, o delegado dos metalúrgicos propôs e é aprovado que imediatamente uma comissão, deste conselho procure no parlamento o presidente do ministério, sendo esta comissão, depois de suspensa a sessão do conselho, acompanhada por muitas centenas de operários que se encontravam na sede da C. G. T. e muitas famílias dos presos.

Chegados ao parlamento a policia só deixou avançar a comissão que então já era reforçada com outra do Partido Comunista, e em breves momentos, eram recebidos pelo sr. António Maria da Silva que a respeito da situação dos

presos, disse que provavelmente seriam ontem postos em liberdade alguns, mas que quem poderia dar uma resposta mais concreta, era o adjunto da policia de investigação.

Retirou a comissão que se dirigiu para o governo civil, seguindo a multidão que aguardava em frente ao palácio dos resultados desta acção.

A sessão da C. G. T.

A comissão no governo civil avistou-se com o adjunto da policia de investigação, o qual nos declarou se até ás 22 horas tivesse os resultados dumas investigações seria possível que alguns presos saíssem ontem mesmo.

A's 21 horas reuniu novamente o conselho de delegados, presidindo o delegado dos manipuladores de pão e com os mesmos secretários.

Depois de relatadas as demarches realizadas, o delegado dos metalúrgicos apresenta uma consulta sobre se pelos presos por questões sociais, se devia ou não votar a greve geral, sendo consultados os delegados pela ordem de inscrição, os quaes, por unanimidade e em nome de vinte e um sindicatos aprovaram a greve para hoje, e não havendo mais nenhum assunto a tratar, foi suspensa a sessão para continuar hoje.

Esta resolução, ao ser participada ao operariado que por completo enchea estas dependências, foi acatada com grande e indiscutível entusiasmo.

A sessão de ontem foi muito concorrida, decorrendo com grande entusiasmo

Decorreu com grande entusiasmo sessão que a U. S. O. promoveu ontem na sua sede, na calçada do Combro, em vista da prohibição do comício.

O operariado accorreu em grande numero espalhando-se pelas numerosas salas e corredores, ouvindo-se constantemente vivas á organização operária.

A prohibição do comício trazia os ânimos bastante exaltados, e a greve da fome excitava o espirito de revolta.

A sessão estava marcada para as 21 horas. Pouco depois desta hora, o camarada João Caldeira, velho militante operário, iniciava com energia falta de discursos que a bem patente falta de espaço não nos permitia reproduzir. Todos os oradores que se lhe seguiram se referiram indistinctamente á attitudão do governo que mantem tantas dezenas de operários presos há cerca de um mês, sem culpa formada. Além de João Caldeira, filaram ainda os camaradas Francisco Luis, Joaquim Cardoso, Jerónimo de Sousa, Júlio de Matos, António da Silva, Artur Inácio, Artur Aleixo, Augusto Duarte, Manuel Duarte, Francisco de Oliveira e Adriano Guerra.

O camarada Júlio de Matos apresentou a seguinte proposta que foi aprovada:

«Considerando que uma dos presentes não é possível manifestação ao presidente da república, proponho que uma comissão aqui nomeada tente avistar-se com o mesmo presidente, que se encontra no Coliseu dos Recreios.»

Foi eleita a comissão immediatamente que ficou composta pelos camaradas Jerónimo de Sousa, Aníbal dos Santos e Artur Inácio.

Esta comissão, que se dirigiu em seguida ao Coliseu dos Recreios, avistou-se com o presidente da república e marcou uma audiência para hoje ás 9 horas.

A certa altura da sessão foi participada ás assembleias que a U. S. O. proclamara a greve geral. Esta noticia foi recebida com grande entusiasmo e vivas

O CONVITE AO OPERARIADO

Sindicato Unico Metalúrgico

Em virtude de ser declarada a greve geral pela U. S. O. de Lisboa, convidam-se a reunir hoje, pelas 11 horas todos os militantes metalúrgicos.

Manifatores de Calçado

PROCLAMAÇÃO

Camaradas: O vosso sindicato, coerente com as deliberações tomadas pela U. S. O. em declarar a greve geral em Lisboa, por o governo não se resolver a pôr em liberdade os camaradas arbitrariamente presos nas fortes, determina que a partir de hoje todos os operários da industria abandonem o trabalho e se dirijam ao Sindicato onde ás 10 horas se realiza uma sessão.

Partido Comunista Português

O comité executivo e a comissão administrativa do Partido Comunista em absoluta concordância com a greve geral votada pela U. S. O., exorta todos os trabalhadores a cumprirem com o seu dever, acatando as resoluções da organização operária.

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje pelas 21 horas precisas, o comité confederal.

Comissão organizadora do congresso

A comissão organizadora do congresso reúne hoje, pelas 21 horas.

Os operários perseguidos

**Não pode prolongar-se por mais tempo
tam angustiosa situação**

Terminou na tarde de ontem a greve da fome no forte de Sacavém. Conveni esclarecer a razão porque este gesto heroico e desesperado foi suspenso. Se o gesto foi tam sublime que desnecessário se tornou encarecê-lo, a paralisação da greve obedece a intuitos nobres e elevados. Mais uma vez se demonstra a moral no meio operário está de acordo com todos os puros sentimentos de humanidade. A maioria dos presos, com a saúde depauperada por um encarceramento prolongado, portanto sempre de acordo com a resolução tomada. Porém as sinceras succediam-se com extraordinária e aterrorizadora frequência. Foram os mais robustos, os mais bem dotados fisicamente, que atenuando o aspecto doloroso dos seus camaradas, os tentaram dissuadir de persistir no seu intento. No entanto, a recusa dos mais débeis, foi sempre

terminantemente negativa. Decidiu-se a modificar a attitudão de deliberação corajosa das famílias que deliberaram entregar-se á prisão. Só então a greve da fome terminou.

Pode dizer-se que terminou com grandeza moral, com excepçãoal nobreza de alma, o gesto desesperado dos presos do forte de Sacavém. Por lasso anunciámos para ontem a declaração da greve da fome, por solidariedade dos presos por questões sociais, que se encontram na cadeia do Limoeiro. Duma leitura atenta da sua carta, que ontem, na integra, publicámos, isso se deprende. Ontem recebemos uma carta dos referidos camaradas presos, pedindo-nos para esclarecer o erro e manifestando-nos que hoje declararíamos a greve da fome. Fica assim desfeito o erro cometido que podia, por banda dos reaccionários, servir de motivo de

